

FUROR ACUSATÓRIO

RETIRADA DE PEDRO SIMON E JARBAS VASCONCELLOS FOI DECISÃO DO LÍDER, COMO ADMITE VALDIR RAUPP. RENAN NADA TEVE A VER COM O CASO

Dois rebeldes sem causa

JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA SENADO

A retirada dos senadores Jarbas Vasconcellos (PMDB-PE) e Pedro Simon (PMDB-RS) da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado pode facilitar a aprovação da proposta que prorroga a CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) até 2011. Como a PEC (Proposta de Emenda Constitucional) da contribuição vai tramitar na CCJ, a base aliada do Governo se articula para evitar votos contrários à matéria.

O líder do PMDB no Senado, Valdir Raupp (RO), admitiu ontem que outros partidos da base aliada poderão efetivar trocas na CCJ para que o Governo não tenha matérias derrotadas na Casa – como aconteceu na semana passada em ação articulada pelos "franciscanos" do PMDB.

"A liderança tomou a iniciativa de fazer as substituições. Esse é um processo normal. O partido precisa de votos para aprovar projetos de interesse do País. Acredito que outros partidos vão, se for preciso, fazer substituições também", afirmou.

A destituição de Jarbas e Simon foi decidida em jantar na casa de Raupp. Os dois peemedebistas são declaradamente contra a permanência de Renan no comando da Casa. Na sessão de ontem do plenário, o senador Cristovam Buarque leu requerimentos dirigidos ao líder do PMDB. Dois do senador Heráclito Fortes (DEM-PI) – que pedia o recuo de Raupp e a intervenção do senador José Sarney (PMDB-AP), que também participou do jantar na casa de Raupp – em favor dos destituídos. O senador Eduardo Suplicy (PT-SP) encaminhou ofício à Mesa se solidarizando com Jarbas e Simon.

O senador Romero Jucá (PMDB-RR), líder do Governo no Senado, também admitiu que a base aliada vai enfrentar dificuldades para aprovar a prorrogação da CPMF na Casa.

"A base não tem 49 senadores (número mínimo necessário de votos) votando fechados pela prorrogação da CPMF. Vamos ter trabalho", afirmou.

Raupp reconheceu que não avisou previamente Jarbas e

Simon da substituição na CCJ. Visivelmente constrangido, o líder afirmou que isso ocorreu porque estava fora de Brasília, em missões políticas no Estado. Mas reiterou que os dois senadores "rebeldes" vêm sistematicamente contrariando decisões da bancada – o que afeta a sua autoridade na liderança do partido.

"A partir do momento que eu tiver a maioria dos senadores contrariando a liderança, eu entregarei de imediato o meu posto de líder da bancada. Eu tenho que ser líder da maioria. Se estiver liderando a minoria dos senadores, eu entregarei esse posto. Eu não posso deixar senadores que estão contrariando a liderança em postos-chaves de comissões."

■ Renan

Jucá negou enfaticamente que a destituição de Jarbas e Simon da CCJ seja uma ação articulada pelo senador Renan Calheiros (PMDB-AL), que pode recorrer à Comissão em uma eventual aprovação de seu processo de cassação no Conselho de Ética da Casa

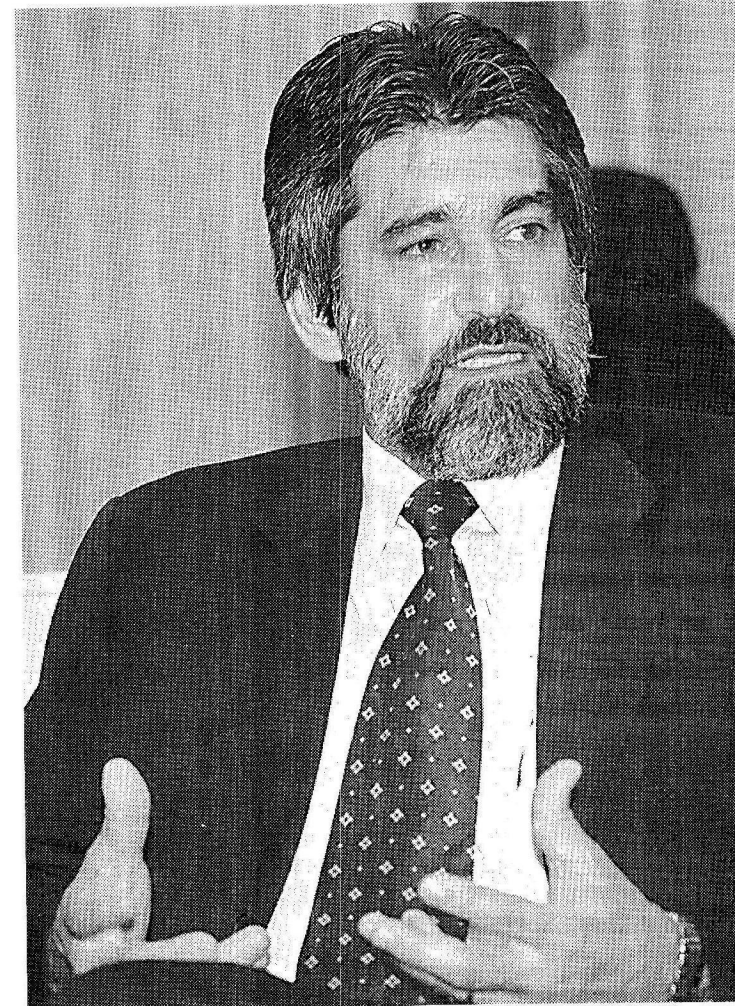
– onde responde a três processos por quebra de decoro parlamentar.

"Eu não tenho procuração do senador Renan; essa é uma atribuição do líder. Mas o processo contra o presidente do Senado independe da CCJ para seguir ao plenário", afirmou.

Jucá disse que a CCJ não tem poderes para reverter uma decisão do Conselho, apenas analisa se há problemas constitucionais na proposta aprovada pelo órgão.

Raupp também negou a ingerência de Renan na decisão de substituir os senadores, mesmo com o fato dos escolhidos para as vagas de Jarbas e Simon serem aliados do presidente do Senado: Almeida Lima (PMDB-SE) e Paulo Duque (PMDB-RJ).

"Isso é uma decisão de bancada, que não é visando projeto na defesa do senador Renan. Isso pode acontecer em outras votações. É uma decisão de liderança, de dois senadores que não votam com a base do Governo, mas os partidos de coalizão precisam aprovar projeto de interesse do País".



■ RAUPP: NÃO PODIA TER DOIS SISTEMÁTICOS RIVAIS DO GOVERNO